

Alcimar Alves de Souza Lima  
Esméria Rovai

# Escola, espaço de subjetivação

*De Freud a Morin*



Blucher

# ESCOLA, ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO

*De Freud a Morin*

Alcimar Alves de Souza Lima

Esméria Rovai

*Escola, espaço de subjetivação: de Freud a Morin*  
© 2022 Esméria Rovai, Alcimar Alves de Souza Lima  
Editora Edgard Blücher Ltda.

SERIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

*Coordenador da série* Flávio Ferraz

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Bonie Santos

*Preparação de texto* Bárbara Waida

*Diagramação* Gabriel Miranda

*Revisão de texto* Silvana Vieira

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Lima, Alcimar Alves de Souza

*Escola, espaço de subjetivação : de Freud a Morin*  
/ Alcimar Alves de Souza Lima, Esméria Rovai. – São  
Paulo : Blucher, 2022.

340 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord.  
de Flávio Carvalho Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-100-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-101-7 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Educação escolar – Aspectos  
psicanalíticos I. Título. II. Rovai, Esméria. III. Fer-  
raz, Flávio Carvalho.

21-5504

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio	13
1. Novas palavras para um novo momento	21
2. Por que escrevemos este livro	31
3. O que acontece no mundo reflete no comportamento infantojuvenil	43
4. Outras marcas culturais do nosso tempo	55
5. A escola do século XXI: a formação do sujeito desejante	63
6. Por uma escola desejante	71
7. Escola e o desejo de aprender	87
8. Motivação, motivo, interesse	103
9. Escola desejante: ritmos e regências	121

10. A escola desejante educa e ensina	137
11. Escola espaço/tempo de educação integral	159
12. Escola espaço de afetividade	175
13. A pedagogia autogerativa e a formação do sujeito desejante	189
14. As relações na escola: exercício de liberdade e subjetivação	207
15. Liberdade e disciplina na escola	225
16. Relações plasmadoras no ambiente escolar	237
17. O novo lugar do professor	251
18. Professor-aluno: relação transformadora dos afetos	255
19. Avaliação na prática	269
20. Avaliação e vocação: uma relação a ser valorizada	289
21. Um novo olhar para o erro: a perspectiva construtiva	303
22. Finalizando nossas conversas	319
Referências	327
Indicações de leitura	333
Indicações de vídeos	335

# 1. Novas palavras para um novo momento

Estávamos terminando de escrever este livro, no início de 2020, quando vimos o mundo atravessado pela pandemia causada pelo estranho coronavírus. Em março chegou ao Brasil, quando começávamos a sentir o alívio de ver cumprida uma jornada comprida.

O mundo e também nós, brasileiros, nos vimos pegos por essa inédita surpresa. O isolamento social surge como a estratégia para evitar um colapso mundial maior. Algo nunca antes vivido e narrado na história humana foi presenciado: o mundo parou! Situação similar só havíamos visto na música de Raul Seixas, de 1977, em que fala de um sonho por ele imaginado: *O dia em que a Terra parou*. Uma profecia?

Algo semelhante a uma terceira guerra mundial, a um tsunâmi, à eclosão de um vulcão, esse vírus coloca a humanidade na urgência de medidas inéditas, como também o são a dimensão e a abrangência da mudança de valores, hábitos, usos e costumes a serem repensados no *modus vivendi* social, que, até então, ocorria por

saltos quase imperceptíveis. Embora em ritmo acelerado, saltos que não permitiam entender com profundidade o que os sucessivos desdobramentos históricos nos apontavam.

Porém, dessa vez o salto foi diferente. Estávamos diante de uma incerteza: a pandemia nos convidava a análise e reflexão profundas sobre o rumo a ser tomado dali em diante, não sendo permitida a volta ao “normal” que se imaginava seguir, colocando-nos diante de um antes e um depois de 2020. Quem pensa que tudo vai voltar ao que era antes da pandemia não entendeu o significado dessa experiência gigantesca à qual a humanidade está submetida pelos movimentos nada casuais do universo. Sim, porque os movimentos do universo têm sempre um propósito; mesmo assim, o acaso sempre nos espreita.

Paremos para pensar no significado dessa pandemia, isto é, no propósito com que o universo nos faz passar por ela.

Sem sombra de dúvida, essa experiência vem nos revelar aquilo que a humanidade tem mostrado dificuldade de entender: que tudo no universo é interconectado, interdependente. Em outras palavras, que o mundo não é uma máquina de partes separadas, como o homem não é o conjunto de fragmentos estanques. Ideia que viemos debatendo com os educadores por meio de nossas publicações, mas que parece não ressoar de modo adequado nas práticas pedagógicas.

E com certeza a atualidade do nosso livro está nessa visão de interconexão e de transdisciplinaridade que paulatinamente se anunciava na segunda metade do século XX e adentrou o século XXI. Ou seja, a visão das interconexões que, para nós, já estava no devir contemporâneo. Como no exemplo da aranha, citado neste livro: ao tocar um fio da rede que tece, todos os demais fios são de alguma forma afetados. Esse vírus tocou no fio da saúde e praticamente abalou todos os demais fios da rede da nossa vida: as relações sociais, obrigando-nos ao recolhimento; a economia, com o fechamento do

comércio e das atividades de produção; a religião, com seus templos fechados e vazios; o meio ambiente, cujo efeito imediato de redução da poluição pela diminuição de veículos nas ruas e nas estradas parece despertar a consciência para a relação homem-natureza; o mundo do trabalho, em suas várias linhas de atuação, sobretudo o emprego/desemprego e a prática do trabalho em casa (*home office*); o turismo e o lazer, em suas diferentes formas de expressão; a vida cultural e artística; a vida pública; a educação e a escola em sua forma tradicional de organização; as famílias e suas relações com a escola e com a própria rede familiar.

Enfim, cada leitor pode se situar como um fio dessa rede e acrescentar aqui a história de como sua vida pessoal e as de sua família e seus amigos foram atingidas por um vírus que, segundo consta, tem origem na China e em pouco tempo toma conta do mundo. Sem querer esmiuçar todos os fios da rede humana, esta experiência é uma bela oportunidade para que todos, principalmente os homens que ocupam cargos públicos e políticos, sintam na pele os efeitos de uma vida interconectada. E, dessa forma, possam compreender como as mudanças a serem encaminhadas têm de considerar essa verdade, não apenas a nível local, mas a nível universal.

O fator primordial que tomou conta da humanidade pouco antes da pandemia foi a possibilidade de apreensão em tempo real do ciberespaço, fator este que no Brasil já víamos com muita clareza nos acontecimentos de junho de 2013, quando as redes sociais começaram a ter uma conexão imensa na vida de nossa população e também no mundo inteiro. Nessa época, vimos que passamos das sociedades de massas às sociedades de matizes, o que já abordávamos em nossos textos. Mas o ritmo desse processo, que ocorria com certa velocidade, com a pandemia se potencializou e exponencializou.

Nossa vida, então, ficou eminentemente virtual em todos os sentidos, sobretudo no campo educacional; com as escolas fechadas,



o ensino passou a ser a distância e os recursos de aplicativos começaram a ser amplamente utilizados. Neste livro, já percebíamos e anunciávamos que os aplicativos via ciberespaço já estavam pulando no campo educacional, porém víamos com certa cautela seu uso em grande escala. Com a pandemia não houve alternativa. Esse período já passa de dois anos e nos apresenta incerteza quanto a seu final, à eficácia da vacina diante das novas variantes que surgem e, conseqüentemente, ao rumo das ocorrências vindouras; todavia, é certo que aquele “normal” desaparecerá e o futuro está em aberto. Este é o normal do nosso momento histórico.

Os desdobramentos que advêm dessa consideração precisam ser reconhecidos a fim de que um novo “normal” venha a ser gradativamente construído. Um novo normal atento aos sinais que o universo, em seu contínuo movimento, aponta, com efeitos bons ou não, para a vida no planeta. Esse movimento, se muitas vezes é tão sutil que passa quase despercebido, faz-se agora, ao contrário, demais evidente para ser ignorado.

A ruptura entre um antes e um depois de 2020 não acontece de modo abrupto, mas gradual, e nos traz evidências de que atinge praticamente todas as áreas da vida em sociedade, lembrando-nos da sensibilidade merecida ao tratar dos assuntos em sua conjuntura interdependente.

Essa situação nos traz outra evidência, ainda não total e devidamente assimilada: dentro dessa visão interconectada da vida, as análises e as tomadas de decisões, em qualquer área, não podem ser feitas sem levar em conta o contexto em que ocorrem. A contextualização é uma exigência de um mundo histórico, de um mundo em que as histórias não se repetem continuamente, mas estão sempre em transformação, em evolução, e a evolução caminha para a frente. Se por espelhamento ela parece tocar em tempos passados, as soluções do passado não se aplicam ao presente. Por exemplo,

pretender que a mulher volte a ser o que era antes da revolução industrial e do movimento feminista é perder de vista o movimento evolutivo da história.

Hoje, estamos vivendo um período de recolhimento social devido à pandemia, sem ainda possibilidade de visualizar seus desdobramentos. A incerteza sobre o que representa a covid-19, uma doença nova, desconhecida para a humanidade, nos conduziu de início a uma medida radical: a de vivermos um longo feriado no modo de vida, o *fica em casa* e a consequente *paralisação das atividades comerciais*, com abertura apenas para os serviços essenciais, por um período de três meses, seguidos de uma programação de reabertura gradual. Na realidade, tratou-se de uma medida de enfrentamento e de combate a uma tragédia de maiores proporções. Esse era o único conhecimento que o mundo tinha em mãos diante de algo tão desconhecido.

Para muitos, a medida foi exagerada, para outros muitos, a melhor coisa a se fazer. Acertamos ou erramos em encerrar a vida dentro de casa? Recorrendo à reflexão sobre o retorno da vida de Milan Kundera em seu livro *A insustentável leveza do ser*, vemos que nós, humanos, não temos condições de voltar no tempo e agir de modo diferente para saber qual ação teria melhor resultado. Mas, numa análise retrospectiva e prospectiva, a medida parece ser a mais efetiva no enfrentamento de tal doença até que a ciência descubra um método de prevenção e cura, uma vez que o ser humano – e não um mosquito – é o agente transmissor do vírus. Como no caso do vírus da aids, respeitadas as diferenças, o contato humano tornou-se o vetor de principal relevância, pois é sabido que uma pessoa infectada que não apresenta sintomas da doença pode contaminar outras tantas pessoas se não evitar contatos próximos e aglomerações, e sem o uso devido de máscaras. Além, é claro, de outras medidas relacionadas a higiene pessoal e coletiva, cuidados com a

alimentação e com o sono, enfim, medidas profiláticas e de reforço do estado imunológico.

É oportuno ressaltar qual foi a diferença que essa pandemia nos trouxe em relação a todas as anteriores, inclusive a da gripe espanhola, que ceifou mais de 50 milhões de vidas há cerca de cem anos: o acesso aos celulares, que são microcomputadores interligados, pela grande maioria da população, como extensão de nossos próprios corpos.

Isso nos aponta que não devemos tratar os celulares como independentes de nós, pois fazem parte da nossa época e do tipo de subjetivação que ela está produzindo. Daqui para a frente parte integrante de nossos próprios corpos, trazem benefícios, mas podem também nos levar a conflitos de imensas dimensões. Todas essas descobertas que são fundamentais para a ética terão de ser enfrentadas pela geração que vive estes tempos e pelas gerações futuras. Dizemos ética porque esses dispositivos cibernéticos foram incorporados por todos nós. Assim, farão parte do nosso cotidiano e do dia a dia escolar. Surge uma nova geração nascida nesse universo cibernético, e tudo isso deverá ser pensado com muita cautela no devir histórico. Porém, uma coisa é certa: o antigo “normal” não voltará mais.

Com este preâmbulo, é tempo de contemplarmos como essa pandemia demonstra de modo inequívoco a conexão da educação escolar com a vida fora da escola.

A escola foi um dos fios do tecido social altamente afetado pela pandemia de covid-19. Evitar o grande agrupamento de pessoas em contato próximo levou ao fechamento das escolas em geral, do ensino fundamental ao superior. Após um período que se imaginou de antecipação de férias, o afastamento estendeu-se para férias sem fim determinado. E como não comprometer o ano escolar?!

A tecnologia para o ensino a distância, ou online, até então questionada como prática viável, mostrou-se de enorme utilidade, ainda que não estivéssemos devidamente preparados para ela. Até certo ponto, ela veio salvar o que parecia comprometido: o prosseguimento das atividades de ensino-aprendizagem, mesmo com a falta de conhecimento sobre o seu uso efetivo. Quase aos trancos e barrancos, foi preciso enfrentar esse desafio, que apresentava seu lado positivo: uma experiência de aprendizado para todos – profissionais da educação, alunos e pais.

Essa pandemia veio desnudar a escola em suas fragilidades estruturais, metodológicas e relacionais já apontadas há tempos, porém ainda com dificuldades de assunção na prática. É esperado que o período de experiência com essa modalidade de ensino seja vivido com a consciência de uma pesquisa em ação – pesquisa-ação –, com a coleta e a análise sistemáticas de dados positivos e negativos, a fim de fundamentar essa prática em momentos de emergência, ou até mesmo como possibilidade enquanto ferramenta auxiliar às práticas da escola ao vivo. É do nosso conhecimento que muitas escolas particulares estão fazendo isso e já há algumas contribuições sistematizadas quanto a acertos e benefícios, bem como quanto a erros e mesmo desvantagens e perigos, sobretudo nas fases iniciais do ensino.

Isto posto, um conhecimento inicial sobre essa novidade vem sendo construído por outros profissionais aliados à educação, como médicos, psicanalistas, psicólogos, sociólogos, pedagogos, que já se debruçaram sobre a investigação, juntando dados para análise e formulando orientações básicas sobre esse assunto, quer para as escolas, quer para as famílias, que passaram a viver uma situação complexa nesse sentido. Trata-se, portanto, de um período fértil, se bem aproveitado.

Após seis meses de fechamento, surgiu o debate sobre o retorno às aulas, também aqui para muitos uma medida desejada, para muitos outros uma solução ameaçadora. O perigo do contágio com a presença de um grande contingente de pessoas no espaço escolar, apesar das medidas de proteção, não está afastado. Não seria melhor dar este período como passado em brancas nuvens em termos de conteúdo escolar, mas de grande aprendizado para compreender a vida? Todos estamos passando por grandes lições. Aprendê-las e testá-las na prática é a grande tarefa.

É no âmbito de toda essa transformação vivida pela sociedade nesta segunda década do século XXI, que promete ainda se prolongar meses, ou anos, à frente, que resolvemos retomar o nosso livro e fazer essa “introdução da introdução”, uma vez que a sua dinâmica é estar em sintonia com o momento: escrevemos antes e escrevemos agora o que se vive. E, a nosso ver, apesar da reviravolta no contexto mundial e local, sentimos que ele está devidamente estruturado para essa passagem para a década de 2020 e os anos adiante. Por algumas evidências, sabemos que uma escola totalmente virtual no pós-pandemia será um absurdo, nem é desejável, pois para que haja subjetivações o ser humano precisa de contatos afetivos presenciais e de convivência com a alteridade ao vivo.

Assim, a nosso ver, o tema do livro encontra agora ambiente mais favorável à compreensão do que seja uma escola espaço de subjetivação, ou seja, de formação de pessoas, para um mundo em acelerada transformação. Sim, porque a pandemia veio nos mostrar as debilidades do modelo de desenvolvimento civilizatório adotado, e, em virtude disso, os desdobramentos vividos hoje pela humanidade certamente pedem a reinvenção da educação escolar e de sua interação sociedade-escola-família, família-escola-sociedade. É esperado que, além dos educadores, as famílias também tenham tido oportunidade de reconsiderar sua visão sobre a escola e de se

perceberem não apartadas, mas conectadas e, conseqüentemente, comprometidas com a construção da escola e da relação com a sociedade. Essa reinvenção deve partir de modelos de compartilhamento consciente de responsabilidades que privilegiem a formação de crianças e jovens em espaços escolares ligados à vida em sua realidade interconectada transformativa e transformadora, e não dela apartada, isolada em seus fundamentos tradicionais, que não mais condizem com o ritmo de evolução histórica. Para isso, recorreremos a conceitos psicanalíticos e das teorias da complexidade para dar maior sustentação aos assuntos por nós abordados.

Nesse sentido, apontamos que a reinvenção da escola passa pela revisão das relações sociais dentro e fora dela. Por outro lado, não se mudam as relações sociais sem uma nova visão de mundo, de vida no planeta e do homem que tem a Terra como seu hábitat. Em outras palavras, sem uma revisão dos valores que devem nortear a construção do “novo normal social” que já está em andamento. E logicamente isso deve levar a uma renovação da configuração física e pedagógica da escola; da organização dos currículos; das práticas metodológicas de ensino-aprendizagem e das práticas de avaliação, bem como à superação do ensino baseado na repetição e na memorização, dando lugar a um novo modelo de cognição que abrace o raciocínio/pensamento complexo a partir do pensamento psicanalítico, porque em sua interconectividade a realidade é complexa. E a sua apreensão exige repensar o conteúdo não como fim em si mesmo, mas como meio de os alunos apreenderem a realidade em sua complexidade, bem como de conhecerem a si mesmos em seus interesses, capacidades, talentos, limitações e afinidades com o seu meio, pois só assim poderão comprometer-se com ele. Daí deverá surgir um conhecimento não só do mundo exterior, mas da conexão interativa que se estabelece entre o mundo interno e o que acontece no mundo lá fora. Um trabalho de subjetivação para o qual o pensamento psicanalítico tantas contribuições nos trouxe.

Por tudo isso, vê-se como a realidade escolar é também um universo de conexões que pedem uma abordagem integrada. Isso é apenas uma amostra do que tratamos e falamos no livro e que entendemos como de grande interesse para a nova escola desejante pensada como espaço de subjetivação, ou como espaço de formação de pessoas para um mundo em transformação, sem perder de vista a busca por unidade e solidariedade – exigências do novo tempo que se anuncia. Dessa forma, temos de tirar o melhor proveito dessa trágica experiência.

Esperamos que o leitor – professor, educador, psicoterapeuta, pai – aqui se encontre.

## 2. Por que escrevemos este livro

A ideia deste livro começou a ser gestada quando escrevemos *Escola como desejo e movimento: novos paradigmas, novos olhares para a educação* (Rovai & Lima, 2015) e fomos descobrindo o quanto poderíamos falar sobre essa escola desejante, da qual narramos a história, pois muito cabia no tema. Porém, naquele momento, isso nos obrigaria a ir além do objetivo principal – tornar público o projeto pedagógico da experiência dos ginásios vocacionais –, o que tornaria o livro muito longo, e este não era nosso intuito.

Nessa ocasião, o livro de Sara Paim (2012), *Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento*, nos oferecia o argumento que justificava falar de uma escola desejante que havíamos conhecido, Alcimar como aluno, Esméria como professora. Reconhecíamos nela a nítida intenção de formação integrada do sujeito epistêmico e do sujeito desejante, ao incluir a teoria psicanalítica de Freud na análise dos problemas de aprendizagem.

O que gostaríamos de ter apresentado no livro publicado em 2015 poderia tornar-se, então, objeto de um novo livro e, em meados de 2016, nos propusemos a essa tarefa. Iniciamos assim nossos



encontros semanais para troca de ideias e delas surgiu este novo projeto sobre a integração entre objetividade e subjetividade no movimento do devir – *tornar-se pessoa* – na formação escolar, no contexto de um mundo em acelerada transformação. O fato de Alcimar ser médico e morar em São José dos Campos não permitia sua presença além das duas horas de dedicação semanal, quando vinha para atendimento em São Paulo. Isso condicionou nossa escolha por uma redação única de nossas conversas, onde ora Esméria – com uma visão focada na educação escolar –, ora Alcimar – psicanalista – atuava com seu pensamento. Este livro é, portanto, fruto de uma facilidade que encontramos já na redação do primeiro livro: trabalhar juntos.

### *Por que escolhemos este tema?*

Primeiro, porque era exatamente uma escola desejante, que une razão e emoção no ato de aprender, que havíamos vivenciado e aprendido no projeto pedagógico dos ginásios vocacionais e, com o passar dos anos, vimos isso acontecer em outras experiências educacionais no Brasil com resultados altamente satisfatórios. Algumas dessas experiências são contadas no documentário *Quando sinto que já sei* (Sagrado, Perez & Lima, 2014).

Por outro lado, constatamos o quão pouco o tema da formação para a subjetividade é elaborado pela educação escolar institucionalizada, desde o início da modernidade, com a valorização voltada apenas à formação objetiva, racional, intelectual. Isso se evidencia pela prática pedagógica que trata a questão do desejo como algo inconscientemente – e inconsistentemente – internalizado, modelo único aceito por uma sociedade que tem como verdadeiro valor básico a formação do sujeito produtivo, a serviço do modelo econômico, a

ser imposto a todos em sua formação e seu desenvolvimento. Aqui propomos a formação para o *tornar-se pessoa*.

Com essa preocupação tentamos mostrar como o processo de subjetivação pode ser pensado por outros modos mais consoantes com o contexto atual, em que deixamos de viver como bolhas coaguladas para viver agora como bolhas dotadas de membranas porosas que, em contato com o ambiente, passam por perene transformação e articulação.

Fronteiras não são fronteiras, são membranas de passagem.

Esse contexto atual a que nos referimos era o final de 2019/ início de 2020. O que tínhamos como *modus vivendis* até então, em muitos aspectos, foi sendo desconstruído e deve dar origem a um novo momento histórico. A menos que falte ao ser humano a sensibilidade para a leitura do que significa esta pandemia e de suas mensagens para repensar a vida individual e coletiva.

O objetivo inicial do livro de trazer a questão da subjetividade na formação voltada para o *tornar-se pessoa* no contexto de um mundo em contínuo movimento, em tempo cada vez mais acelerado, que deixa a certeza para trás e coloca no horizonte a incerteza, os amanhãs, em que a escola tem como responsabilidade não descuidar da formação do aluno, enquanto instituição de educação e de ensino, foi agora reforçado em função da grande virada que a pandemia de covid-19 provocou no antes e depois de 2020.

A formação da subjetividade, segundo Paim (2012), tem por acento o desejo – aqui o desejo do conhecimento –, e tanto Esméria, enquanto doutora em Psicologia da Educação, quanto Alcimar, como médico psiquiatra e psicanalista, confirmamos a configuração do desejo como o impulso para o aprender na escola, desencadeante de inúmeras possibilidades realizadoras. Porém, observamos o lado perigoso que se anuncia na prática: o de colocar o sujeito no

caminho de contínua busca por satisfação de desejos imediatos que pode conduzir a ansiedade, estresse, depressão e outros transtornos psicopatológicos.

Eis, pois, o desejo, em suas múltiplas faces, ou como uma arma de dois gumes. De um lado, um impulso para a ação. Não é possível viver sem esse impulso pulsional. Para tudo é preciso haver uma vontade, um querer, um desejo. Sempre há algo no ambiente que nos atrai e cria um anseio que nos convida à ação. Porém, se não bem administrado, pode nos colocar numa cadeia que nos aprisiona na ânsia de saciedade, de satisfação imediata de tudo que almejamos, sem consideração aos limites, estando no centro da formação de um ser individualista sem compromisso com o social. Ou seja, sem a devida compreensão solidária necessária à vida no âmbito social. Qualidades indispensáveis que nos anuncia a pandemia.

No tocante à educação escolar, ressaltamos a importância da formação da subjetividade com início desde a educação infantil e da educação básica em concomitância com a formação cognitiva, pois é nesse período da infância que tanto a família quanto a escola devem se preocupar com a organização do *vir a ser pessoa*, respeitando o que a criança traz como sua individualidade, porém sempre na perspectiva de sua universalidade.

A nossa Constituição é assertiva ao proclamar a “educação, como direito de todos e dever do Estado e da família . . . visando ao *pleno desenvolvimento da pessoa*, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (grifos nossos). Outros instrumentos legais tratam desse *desenvolvimento pleno* como tarefa de uma *educação* que valoriza *a formação da integralidade do ser pessoa*, razão pela qual trazemos elementos para reflexão sobre o tema da educação integral, tema ainda revestido de precariedade na execução prática institucionalizada e padronizada, visto o trato da subjetivação na escola estar ainda muito aquém do desejado.

Contudo, neste novo cenário, surge como necessidade de suma importância.

A revolução, e reforçamos isso aqui, deve recair sobre as relações humanas sociais e pedagógicas, ainda calcadas em estereótipos arcaicos, no controle externo, no medo, na submissão, entre outros, devendo agora ser pensadas para um projeto de educação voltado ao *tornar-se pessoa*, isto é, ao desenvolvimento dos alunos cada qual em sua integralidade. Isso passa a ser crucial neste momento.

E para que esse assunto ganhe substancialidade, damos acento à questão do *afeto*, que, no senso comum, vemos tratado de forma distorcida, isto é, apenas em seu aspecto positivo, ou seja, carinhos, abraços, ternuras. Esquece-se de que no bojo do conceito de afeto estão contidas a agressividade e a destrutividade, ou seja, tudo que afeta a organização psíquica, ocorrendo até mesmo nas instituições de educação e ensino, onde isso não deveria acontecer. E, claro, também na família. Assim, empregado de modo inapropriado e tão pouco explorado, ou até mesmo rejeitado e, por conseguinte, objeto de pouca reflexão, o afeto tende a ser visto como luxo diante dos muitos desafios por que passa a educação pública no país. Mas quantos desafios não seriam resolvidos se a escola adotasse em seu ambiente outras práticas de relações pedagógicas e sociais tendo em vista o *ser pessoa* dos alunos? O *bullying* seria um deles, tema que passou a ocupar lugar de grande preocupação na escola.

Porém, como ser e fazer diferente se assim a escola é pensada no modelo social que impera em nossa cultura, nos últimos séculos da modernidade, e assim ela é incluída e valorizada nas políticas públicas de educação escolar? E como fazer diferente neste momento que pede profunda mudança nos rumos da sociedade? Vemos a grande possibilidade de reflexão e análise do contexto no qual estamos envolvidos na contemporaneidade e que, quer se queira, quer não, mostra os acertos e os erros da prevalência do emprego de medo,

controle pela ameaça, punição, castigo, submissão, humilhação, formas que precisam ser tratadas como tipos de afetos negativos e destrutivos, introjetados como marcas na subjetivação. Hoje essa prática precisa ser revista diante da proposta de formação do ser pessoa em tempos de transformação. Há tempos a experiência humana vem nos mostrando que não se combate violência com violência.

Não foi nossa intenção discorrer sobre pensamentos de filósofos e cientistas de várias áreas, embora muitos estejam presentes em nossa formação e apareçam quando falamos acerca de nossas experiências como profissionais da educação e da saúde, com propostas pautadas nas mudanças de paradigma que marcam as transformações que estamos vivendo e devem orientar a visão de mundo complexo no qual estamos hoje mergulhados. A sessão de referências indica nosso perfil. A produção de nosso texto é, na verdade, fruto de muitos encontros cujas conversas foram sendo registradas, a partir de nossas vivências passadas enquanto professora e aluno de uma escola desejante, bem como de vivências no presente que nos unem e nos colocam na trilha de uma visão de mundo mais aberta, elástica, complexa, menos centrada na polarização de ideias e valores: uma das exigências para pensar a organização da vida social no século XXI. E a pandemia causada pelo coronavírus vem nos mostrar exatamente isso.

Portanto, nossa narrativa não vem sob a forma de diálogos personalizados, mas o leitor pode perceber as trocas presentes em nossas conversas: alguns assuntos vêm de ideias mais pedagógicas enriquecidas pela visão psicanalítica e vice-versa. Muito do que nos une, além da experiência vivida em uma escola desejante, vem de nossa visão da realidade na perspectiva da interconectividade e do pensamento complexo, tão bem elaborada por Edgar Morin, que constrói a metodologia para abordagem da complexidade da

vida e da construção de uma inteligência complexa que atualiza o referencial freudiano sempre presente.

Isso nos faz ver a atualidade de nossa experiência vivida nos anos 1960, hoje corroborada por muitas propostas orientadas por pedagogias atuais para este momento histórico e que devem ser incorporadas nesse veio contemporâneo, como as experiências do Projeto Âncora, mais conhecidas pelo público da área da educação, da Escola Pública Desembargador Amorim Lima, dos projetos da Casa do Zezinho, do Instituto Baccarelli, este na favela de Heliópolis, todas elas na cidade de São Paulo; bem como da Escola Maria Peregrina, em São José do Rio Preto. Todas essas iniciativas foram visitadas por Esméria mais de uma vez, com acompanhamento do trabalho ao longo dos anos, além de outras que ocorrem em todo o país, cujo desenvolvimento assistimos pela mídia. Ressaltamos aqui a visita de dois dias feita por Esméria ao Centro de Educação Científica (CEC) da Escola Alfredo J. Monteverde, na cidade de Natal/RN, no início de 2018, que integrava um projeto de formação de cientistas desde o Ensino Fundamental e que, infelizmente, foi fechado no final de 2018.

Apesar de muitas escolas, públicas e particulares, se alinharem na busca e no esforço de atualizar suas práticas, isso ainda ocorre de forma pouco elaborada, sem uma revisão profunda do que seja uma proposta de educação para o século XXI. Nesse sentido, falamos de um projeto de educação para o Brasil inserido numa organização mundial que se diz globalizada, porém muito mais no aspecto financeiro que no social, que promete passar, em ritmo cada vez mais acelerado, por mudanças profundas que deverão ser presenciadas em futuro próximo, sem a certeza do que representarão. Neste momento em que relemos o que escrevemos antes da pandemia, esse futuro próximo chegou de modo inesperado, trazendo muito mais exigências do que pensávamos.

Assim, nossa intenção continua sendo trazer alguns pontos de reflexão para que se possam encontrar novos caminhos a serem percorridos para desdobramentos mais efetivos na formação de nossas crianças, que hoje fazem – como devem fazer – uso de outros espaços de estimulação ao aprendizado, além da família e da escola. Entre esses espaços, lembramos a influência do mundo virtual, com a revolução ocorrida pela inovação constante da tecnologia da comunicação, responsável por grande parte das mudanças de hábitos e atitudes, positivas e negativas, no cotidiano das pessoas, das famílias, das escolas e da organização social.

Priorizar a atenção sobre as crianças resulta de considerarmos essa fase primordial ao início de uma boa organização da subjetividade, na formação integrada do ser. Aí começa a sua construção. O que o adolescente traz vem de seu começo, e o que o adulto traz vem dessas fases anteriores, portanto, muito mais difícil de reelaboração, na medida em que se veem cristalizados certos vícios de formação. E essa tarefa não depende só de cada escola, mas de um esforço de cooperação entre políticas públicas e outras instituições sociais, sobretudo a família e a escola, cooperação que depende fundamentalmente da construção de parceria dessas duas instituições-chave para o desenvolvimento pleno, mas sempre em processo, da pessoa.

Com esse pensamento, o livro começa por delinear traços do contexto que nos envolve e envolve a formação de nossas crianças, com a pretensão de mostrar as diferenças entre o tempo lento que configurava a educação na família e na escola e o enlouquecido tempo agitado que conforma nossas percepções e nossas ações na contemporaneidade. Começar com o contexto é uma exigência para o nosso tempo, na medida em que as transformações reconfiguram continuamente o entorno e este, por sua vez, influencia o rumo das mudanças em um mundo interconectado. Não dá mais para pensar na organização da vida isolada do espaço/tempo em que ela ocorre.

Saber situar onde nos inserimos é ponto de partida para qualquer análise na atualidade. Fora disso, corremos o risco de não conduzirmos a história para o que almejamos.

Seguimos, portanto, falando sobre como pensar uma escola desejante para este tempo de mudanças aceleradas e, conseqüentemente, de incertezas sobre o amanhã e o depois do amanhã, quando a pandemia passar. Esse é o nosso principal foco e, em função dele, selecionamos o que consideramos importante para nutrir o pensar, o sentir e o querer para o propósito de educar para o *tornar-se pessoa* no século XXI, num mundo que nos chacoalha com inovações incessantes. E agora nos chacoalha de vez. Nessa colocação incluímos o que entender por desejo, necessidade, motivação e interesse. Tarefa difícil, mas que urge: trazer tais conceitos para uma visão mais atualizada, mais dinâmica e de aplicação mais efetiva.

E com isso convidamos a refletir sobre a pergunta: por que o desejo de aprender é difícil de acontecer nas instituições escolares?

Na sequência ressaltamos a importância do ritmo e das regências na educação infantil e básica, aspectos tão importantes na vida familiar e escolar para organizar a subjetividade e, assim, evitar cisões na organização psíquica que integra os universos cognitivo e afetivo, portanto, o pensar, o sentir e o agir. Para isso, trazemos a contribuição da neurociência e da psicanálise. Neste livro procuramos a conexão dos saberes, e não a separação disciplinar absoluta, permitindo perceber que existe uma multiplicidade de formas para compreendermos o ser humano: ilustrando que o nosso organismo funciona como um todo, e não como partes fragmentadas. Nessa linha, a contribuição recente do neurocientista António Damásio (2018) deve provocar revolução na educação ao confirmar que são as emoções e seus derivados em sentimentos que incitam a razão, e não o inverso, como ainda se costuma pensar. (Aqui estamos propondo ir além, isto é, à interatividade entre o pensar e o sentir.)



Muito simples: é só pensar em uma aula chata e desestimulante – ela é convidativa ao aprendizado?

Relevante para a criação de uma escola desejan­te é a clareza sobre a importância de sua função social, mergulhada ultimamente numa distinção falaciosa entre educar e ensinar para este momento histórico, a qual, em vez de colocar família e escola em uma unidade de esforços cooperativos, as coloca em um embate conflituoso e perverso, o que *afeta* de modo delicado a organização da subjetividade, aspectos tratados desde Freud e continuadores.

Estando num tempo que pede repensar a educação, tratamos de trazer elementos para a reflexão sobre educação integral – não como marketing, mas com a concepção profunda do que é essa integralidade do ser humano: outra exigência para o *tornar-se pessoa*, isto é, um ser com organização subjetiva capaz de fazer face a mudanças e incertezas, geradoras de ansiedade e outras comorbidades psíquicas. Assim, pensamos na escola como um espaço de subjetivação, de educação e de educação integral, de trânsito de desejos e afetos, que deve contribuir para a auto-organização com menos riscos de cisões e desorganizações psíquicas. A forte presença da questão do *bullying* nos ambientes escolares nos mostra que os projetos de educação estão mais voltados para a “desorganização” que para a “organização” do processo da subjetivação.

Fundamental para este tema, neste século, e, para nós, uma questão-chave para a organização psíquica, é o repensar as relações sociais, de um modo geral, mas principalmente na escola. E nessa ambientação falamos sobre o tornar-se pessoa e a questão da liberdade. Esse repensar as relações pessoais deve vir acompanhado de novo projeto político-pedagógico com a proposição de rever a organização do currículo e seus componentes e o modelo de relação professor-aluno: professor *ponte*, e não *fonte*; um novo papel para o professor, a exigir outra formação pedagógica.

Nessa relação, destacamos como último ponto importante a necessidade de trazer para a escola outro modo de pensar a avaliação escolar, pois a vemos como parte indissociável das relações na escola. A avaliação deve considerar o aluno na sua integralidade, a fim de que possa encontrar-se em sua vocação, ou vocações – ou em suas qualidades promotoras de autorrealização –, o que, neste mundo em mudança, amplia o leque de escolhas e tomadas de decisão. Importante nesse tópico é a reconsideração do papel do erro na avaliação, pois este novo tempo pede novo olhar para o acerto/erro na construção/reconstrução do conhecimento e do autocohecimento, na medida em que o erro passa a ser visto como um ruído e, assim, reavaliado pelo seu papel de despertar a descoberta de novas possibilidades de entendimento e até mesmo de gerar a criatividade. Ele é provocador de saltos qualitativos e quantitativos na organização da percepção e na organização cognitiva, daí sua importância como ferramenta que permite encontrar novas respostas, acertadas ou não, mas que conduzem à ampliação da organização do pensamento. E tudo isso está na base de uma nova concepção de avaliação na instituição escolar.

Acreditamos que, com esses temas abordados, contemplamos algumas das demandas mais consistentes sobre os temas do desejo e do afeto na construção da subjetividade a que nos propusemos, pensando a educação em outras premissas.



***Este livro discute o papel da escola*** ainda presa ao modelo tradicional de que a família educa e a escola ensina, buscando fazer compreender o alcance do processo de ensinar e sua conexão com o educar – tarefa que não compete só à família, mas a todas as instituições sociais. Educar é visto aqui como a formação integral do ser.

Ao rever essa dicotomia entre educar e ensinar e entre a família e a escola, buscamos, na totalidade do sujeito, a integração entre razão e emoção. Portanto, entre conhecimento e desejo. E com essa fundamentação destacamos a importância das relações na escola, sobretudo as relações professor-aluno, que devem voltar-se à compreensão do desejo e da afetividade. Trata-se de proposta de educação escolar assentada em uma pedagogia autogerativa, capaz de fazer do educar e do ensinar uma arte criadora em sintonia com os movimentos acelerados de mudanças que acontecem em nosso entorno social.

série

**PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-100-0



9 786555 061000



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **Escola, espaço de subjetivação**

De Freud a Morin

---

**Alcimar Alves de Souza Lima, Esméria Rovai**

ISBN: 9786555061000

Páginas: 340

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---